

1

Apresentação

Podemos localizar o nascimento da tradição do pensamento ocidental na Grécia clássica de Sócrates. E é nesse contexto que têm berço as duas visões que ainda hoje predominam no que diz respeito à linguagem: uma *representacionista* e a outra *pragmatista*.

A filosofia surgiu em reação à visão mística de mundo que se tinha na Grécia e seu ponto principal de reflexão era a verdade. Os filósofos socráticos — Sócrates, Platão e Aristóteles, principalmente — tinham uma visão essencialista de tudo o que há no mundo, segundo a qual existiria uma verdade para além do homem. Chegar a essa verdade, a essas essências, era o objetivo de todo o conhecimento. Em oposição a eles havia os sofistas, por quem os socráticos, reciprocamente, nutriam certa repulsa e contra cujos discursos e atitudes escreveram diversos textos, como o *Gorgias* e *O Sofista*, de Platão, por exemplo. A premissa principal dos sofistas pode ser resumida em uma frase bastante conhecida de um de seus mais famosos representantes, Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas”. Ou seja, eles acreditavam que não há uma verdade para além do homem, mas sim que é este que constroi discursos em torno das coisas e que esses é que acabam por ser tomados como “verdades”.

No que diz respeito à linguagem, esse embate gerou duas principais visões: dentre várias denominações possíveis, uma chamamos de *representacionista* e a outra, de *pragmática*. O representacionismo está associado aos socráticos, mais especificamente ao *realismo* platônico e ao *mentalismo* aristotélico. Platão, em seus diálogos socráticos, escreveu que as palavras nomeavam as coisas, os nomes eram um modo de representação da realidade, das formas ideais ou essências transcendentais das coisas do mundo, dentre elas o próprio nome. Aristóteles, por sua vez, colocou uma parada a mais nesse caminho entre as coisas e as palavras: as afecções da alma. Para o discípulo de Platão e mestre de Alexandre, o Grande, as coisas geram no homem uma reação, uma percepção, comum a todos; essa percepção, a que ele chamou de afecção da alma, estaria na mente humana, e ela é que ganharia um nome, ela é que seria representada através da palavra. Nos dois casos, os nomes, a linguagem, são uma imagem de algo que lhe é exterior e

anterior, uma representação ou direta das coisas no mundo — as árvores, a beleza, as relações lógicas — ou do pensamento que essas coisas geram no homem. Por isso o termo “representacionismo”, pois a linguagem é vista como um instrumento de representação, um artifício do homem para expressar, para dizer as coisas/o pensamento.

A visão pragmática dos sofistas segue um caminho, como diz a expressão que a qualifica, ligado à *práxis* do homem. Para eles não era possível haver uma verdade exterior ao homem, uma vez que o homem seria a medida de todas as coisas. E mesmo que as coisas tivessem uma verdade própria, ela seria inacessível, imperceptível e impossível de ser dita ou comunicada, uma vez que as coisas em si não poderiam tornar-se nosso discurso. Ou seja, para eles, sendo Gorgias a principal voz que conhecemos desse argumento, a “realidade” que vivemos é um discurso criado pelo próprio homem. O que “captamos” do real, das coisas em si, das substâncias é, apenas, discurso. Nesse caminho, a linguagem é central para a experiência humana. Sendo o real inatingível, é na linguagem, e somente nela, que estão as impressões, os consensos do homem, os quais constituem o contexto em que ele vive.

É com essa segunda visão, nesse caminho pragmático, que segue o presente trabalho. Sem desconsiderar a importância do representacionismo, aqui me atarei a uma visão que se identifica com a dos sofistas, levando em consideração, também, é claro, suas dificuldades e contradições.

Foi o interesse e a curiosidade pelos estudos da sofística uma das grandes motivações do presente trabalho. As indagações proporcionadas pelo pensamento dos sofistas sobre a linguagem e o discurso constituem os primeiros passos do caminho que leva ao pensamento de filósofos como J. L. Austin e Ludwig Wittgenstein, cujos estudos foram selecionados como foco desta dissertação. Esses dois pensadores são grandes representantes contemporâneos do pensamento que chamamos de pragmatista, podendo estar entre os maiores do século XX.

Como todo bom pensamento filosófico, a teoria dos atos de fala de Austin e o pensamento do segundo Wittgenstein, das *Investigações filosóficas*, levantam questões não respondidas e deixam lacunas a serem investigadas. O presente trabalho pretende traçar caminhos por entre esses espaços e questões, se utilizando dos conhecimentos da teoria psicanalítica de Freud e Lacan.

Em suas leituras e releituras da obra de Freud, o psicanalista francês Jacques Lacan colocou a linguagem como o cerne da psicanálise; afinal, como ele mesmo afirmou, o inconsciente é estruturado como uma língua. Outra grande inspiração para os trabalhos de Lacan foi o linguista suíço Ferdinand de Saussure. Seus ensinamentos no *Curso de linguística geral* foram muito importantes para a visão lacaniana da linguagem, a qual, segundo Lacan, é o ponto central dos estudos psicanalíticos. O *Curso* muito acompanhou o psicanalista, que radicalizou algumas de suas propostas teóricas, como, por exemplo, o significante.

A metáfora e a metonímia são, para ele, características fundamentais do funcionamento da linguagem que permitem a formação do sentido. Lacan observava as falhas da linguagem. Um de seus célebres ditos é o de que “todo ato falho é um discurso bem sucedido”. Nada mais coerente do que colocar metáfora e metonímia no núcleo da construção do sentido e do sujeito.

O objetivo nesta dissertação de mestrado não é estabelecer uma visão inédita sobre as teorias que serão estudadas, mas sim reunir pensamentos de grandes autores que tiveram visões de destaque sobre a linguagem e realizar um estudo em torno delas.

As teorias escolhidas como objeto de análise deste trabalho, como já indicado, são as de J. L. Austin e Ludwig Wittgenstein. Com a psicanálise — em particular o saber do inconsciente e do ato falho, além da visão lacaniana do signo linguístico e dos conceitos de simbólico, Grande Outro e a fundamental pulsão, como definida por Freud — serão pensadas possíveis aproximações entre, de um lado, esses conhecimentos e, de outro, a teoria dos atos de fala de Austin e a visão da linguagem e da compreensão do segundo Wittgenstein.

O que tenho por objetivo, em suma, é pensar a linguagem com a psicanálise. A partir do trabalho de psicanalistas, filósofos e linguistas como Jacques Derrida, Ana Maria Rudge, Stanley Cavell, Helena Martins, Slavoj Žižek, Paulo Becker e Sylvain Aurox, o foco deste estudo será buscar pontos de convergência e suplementação entre as teorias selecionadas.